

o único e sua propriedade¹

john henry mackay*

(Parte 2)

Assim nos fala Max Stirner.

Como nós respondemos a ele?

A tentativa de avaliar seu trabalho dificilmente pode ser melhor do que repetir suas palavras; ainda assim devemos fazê-lo para ao menos indicar o que faz esse livro ser incomparável.

* John Henry Mackay (1833-1864), filho de uma alemã e um escocês, viveu na Alemanha com sua mãe após a morte precoce de seu pai. Sua longa trajetória literária inclui escritos de diversos gêneros, mas ficou conhecido como poeta lírico e anarquista. Seus escritos *gay*-amorosos foram publicados sob o pseudônimo de Sagitta. A redescoberta de Max Stirner é atribuída a Mackay.

O significado de *Der Einzige* hoje é o que foi há setenta anos atrás: mais suspeito e sentido do que reconhecido. Como poderia ser diferente em tempos em que efetivamente tudo em que nos apoiávamos estava sendo abalado, quando fazíamos um sincero esforço em colocar novos valores no lugar dos velhos, quando o velho e insípido vinho foi reiteradamente derramado em novas garrafas, em vez de ser jogado fora, e quando estávamos ainda tão pouco convencidos da completa inutilidade de grande parte dos valores.

A raça humana está entre a noite e o dia. Meio acordada, nós esfregamos o nosso olho, ainda pesado e sonolento, e ainda não ousamos olhar para a luz.

Nós não somos capazes de nos separar dos velhos abrigos dos nossos conceitos, ainda que se choquem com as nossas cabeças; nós somos muito covardes para deixar nosso velho país e nos lançarmos ao mar da autoconsciência, que sozinha pode nos conduzir à outra margem; nós ainda não temos uma genuína confiança no futuro, apesar, ou no entanto, porque não temos mais qualquer confiança em nós mesmos.

Nós não acreditamos mais em Deus, certamente não. Tornamo-nos ateístas, mas permanecemos “devotos”. Nós não rezamos mais diante do bicho-papão² da igreja, nós nos ajoelhamos diante dos santuários dos nossos egos interiores.

Nós nos intoxicamos da mesma maneira e nossa miséria ao acordar é a mesma. Nós apenas acordamos com mais freqüência, e nossa condição hesita entre a embriaguez e a dúvida, não mais a intoxicação eterna e sagrada do primeiro, dos “verdadeiros” cristãos.

Assim, esse homem junta-se a nós.

Ele não aparece com a condescendência do padre: ele não está a serviço de Deus, nem à de nenhuma

idéia; nem sob a proteção da professora — ele deixa para nós a decisão sobre se acreditamos ou rejeitamos o que diz; nem com o cuidado do médico — ele nos deixa viver e morrer — pois sabe que a nossa ilusão é nossa doença. Ele não vem como o filósofo que procura nos envolver na rede de um novo sistema de especulação; ele rejeita a linguagem do filósofo, essa língua disforme, obscura e ininteligível, utilizada por todos aqueles que pretendem falar apenas entre si; ele cria para si sua própria linguagem, pois sabe que todo conhecimento pode ser compreensível, se assim o quiser.

Ele não fala de nós; ele raramente fala conosco.

Ele fala dele e apenas dele, e nós vemos como isso, seu Eu, remove uma amarra após a outra, até estar livre da última, ele permanece em orgulhoso auto-senhório como seu próprio soberano, inconquistável, no lugar onde finalmente conquistou.

A incomparabilidade e unicidade, anunciadas por Stirner, não são mais nem menos que a declaração de soberania do indivíduo. Até agora se falava apenas de seus direitos e deveres, e de onde ambos começam e terminam; mas ele se afirma livre do último e em comando do primeiro. Nós temos que decidir por nós mesmos. E como não podemos retornar à noite, devemos ir ao dia.

Pois agora sabemos que somos todos egoístas. Quando vemos nossos feitos, vemos que alguns já nos levaram longe, muito mais longe do que a nossa consciência quer admitir, enquanto os outros nos envolveram nos conflitos mais insolúveis. Seria em vão continuar buscando iludir a nós mesmos e aos outros sobre as bases de nossas ações. Agora que os reconhecemos, o que resta a nós se não agir de acordo?

O sucesso irá nos ensinar aquilo pelo qual temos que agradecer a Stirner, se o exemplo daqueles que já viveram suas vidas ainda não nos mostrou.

É o nosso conhecimento final. Não mais resistamos. O dia está chegando não muito cedo após uma noite demasiadamente longa!

Ele levantou pescoços inclinados pressionou a espada nas mãos paralisada: tirou-nos a fé e nos deu a certeza.

Lembrou-nos de nossos verdadeiros interesses, dos nossos interesses mundanos, pessoais, próprios, especiais, e nos mostrou como buscá-los, em vez de nos sacrificar pelos interesses ideais, sagrados, estrangeiros — os interesses de todos — traz de volta a felicidade da vida, que nós aparentemente havíamos perdido.

Ao analisar o Estado dos políticos, a sociedade dos socialistas, a humanidade dos humanistas e ao trazê-los à consciência como as barreiras à nossa propriedade, ele deu o golpe fatal na autoridade — quebrada com o desejo de poder da maioria, da totalidade, e de seus privilégios — e em lugar do cidadão, do trabalhador, do homem, entra o Eu, em lugar do destruidor intelectual, o criador encarnado!

Mas não apenas isso: ao dedicar a outra parte do seu trabalho à exaustiva investigação das condições sob as quais esse Eu sozinho está numa posição para se desenvolver até sua unicidade, ele o mostra em seu poder, sua relação, sua auto-satisfação — os meios da sua força e sua vitória final.

E no lugar da nossa raça cansada, torturada, auto-martirizada, entra aquela orgulhosa e livre de *Der Einzige* — a qual o futuro pertence.

O que ele fez, fez para ele, porque lhe dava prazer.

Ele não pede agradecimento algum, e nós a ele devemos nenhum.

Ele apenas nos lembrou de nossas ofensas contra nós mesmos!

Isso é o que ele fez; e como fez não é menos que admirável.

Se a naturalidade e a força são as marcas do verdadeiro gênio, então Max Stirner era um gênio de primeira grandeza. Ele vê o mundo e seu povo com seus próprios olhos e tudo está ali diante dele na nítida luz da realidade. Nada pode perturbar ou iludir sua visão: nem a noite do passado, nem a colisão dos desejos de seu próprio tempo. Seu trabalho é completamente original, e nenhum livro teria sido escrito com maior objetividade e ausência de preconceito do que esse: *Der Einzige und sein Eigentum*. Não há nada, mas nada mesmo, que Stirner assuma como firme e dado, a não ser seu próprio Eu. Nada o espanta ou confunde, de início nada o “impressiona”. Assim, ele se parece com a verdadeira criança daquele tempo crítico, tão infinitamente adiante que começa onde os outros se afastaram. Essa objetividade confere à sua palavra essa certeza auto-evidente que possui este espantoso efeito sobre uns, e vitorioso sobre outros.

A lógica do pensador é incomparável. A consistência lógica rígida de suas conclusões não se retrai diante de nenhuma conseqüência. Ele não permite ao leitor levar seus pensamentos até o fim de seus territórios; ele mesmo o faz. Conceitos que pareciam ser até agora inquestionáveis são resolvidos por ele um a um e ele os permite entrar em colapso. Ele rastreia o significado das palavras até apreender seu entendimento correto, que está frequentemente em completa contradição com aquele que lhe era atribuído até então. Ele despe os grandes conceitos de sua pompa e os mostra em seu vazio; ele traz de volta à honra

os desdenhados, condenados pela linguagem comum. Ele nos ensina pela primeira vez seu verdadeiro uso.

Até agora não se pôde demonstrar sequer uma contradição interna nele; o futuro não terá nada a fazer a não ser levar adiante o que ele estabeleceu para todo o tempo. Novas perspectivas irão se abrir em abundância, mas ele encerrou esta discussão.

Em sua despreocupação divina e sua lógica impiedosa, sua obra se parece com a de um homem que fez; como um dos mais afiados pensadores de nossa época diz a respeito do único, “não para agradar outros, mas em primeiro lugar para agradar o próprio criador”. Já que Stirner foi incapaz de viver de acordo com seu desejo, sua aversão foi despertada e ele criou a obra de sua vida, sobre a qual despejou toda a sua liberdade, enquanto todos ao seu redor se exauriam em furiosas exclamações e fanatismo intolerante.

Se calma, autonomia, superioridade, alegria, ironia e generosidade são sempre as melhores marcas do verdadeiro homem livre, afobação, incerteza, indignação, emotividade, irreduzibilidade dogmática e futilidade obtusa são marcas do homem sedento pelo poder.

Um frescor no prazer na batalha perpassa esse livro da primeira a última página. Estar à altura de seu próprio adversário, ter um real adversário que se oponha a ele, o qual ele possa olhar nos olhos e capturá-lo, o qual “ele mesmo repleto de coragem, sua própria coragem” inflama, estar face-a-face na batalha, é isso que Stirner deseja para si! [Mackay parafraseia aqui parte das citações de Stirner encontradas em Schiller, *Wallenstein's Tod*, Ato 1, Cena 4. Ver nota na página 178³].

Mas também ali onde o inimigo se retira timidamente, onde em seu lugar surgem os fantasmas da loucura e da ilusão, as sombras do passado, ele persegue os fugiti-

vos até os esconderijos mais remotos e não descansa até trazê-los à luz do dia e os despir como os espectrais fantasmas da nossa obsessão.

Ouropel e imundice— ele elimina ambos: o primeiro não o ilude e o segundo não lhe é repugnante; o ouropel do intelectual e a sujeira do indesejado desaparecem diante da consciência de sua unicidade.

Sua coragem é incomparável e não se encolhe diante de nenhum adversário. Ele não reconhece qualquer autoridade sobre si. Nada lhe é sagrado. Ele é mais do que o debochador, mais do que o crítico. Ele é o grande zombador. E sua risada chama-se liberação.

Essa coragem é sempre a mesma. Os velhos conceitos, aparentemente enraizados no solo dos séculos e firmes para a “eternidade da raça do homem” —, ele os ataca corajosamente, assim como os recém aparecidos *slogans* de sua época, aos quais trata de “ideais do futuro”, de uma nova época, e ambos, o velho e o novo, decadentes e valiosos quando por ele tocados.

Tudo o que ele ataca luta sob uma bandeira, um sinal, uma fé. Mas ele luta só e ergue-se e cai com seu eu — o mais significativo exemplo para a verdade das palavras de Ibsen: “O mais forte dos homens é aquele que está mais só” [extraído de *Um inimigo do povo*].

Mas tão grande quanto sua coragem é sua antevisão. Ele sabe que as mãos atadas não podem lutar e que a língua paralisada não pode falar. Ele não se entrega às mãos do inimigo. Ele conhece a tola estupidez do poder soberano, que em sua onipotência divina assombra as moscas cujo zumbido perturba seu sono e não percebe a raposa que se infiltra no castelo. Stirner sabe, basta dizer “Prússia” e a obra de sua vida está destruída; dizer “China e Japão”, e toda criança sabe o que ele quer dizer. Até mesmo as aulas de dinamarquês e o

vizinho “autocrata de todos os russos” ele nomeia apenas com...; e desde que fala de um “certo” Estado. É evidentemente um jogo infantil; mas o poder é cego e ele ri diante dele. Apenas quando acredita que suas mãos certas talvez possam alcançá-lo é que ele deixa o jogo e defende-se prontamente de uma acusação criminal: ele escolheu a palavra “indignação” (Empörung] apenas por seu significado etimológico, e não a utilizou em sua acepção “limitada”, significando “rejeitada pelo direito penal”.

A armadura do pensador é impecável. Ele traz para a solução de suas tarefas um conhecimento que nunca o deixa sem recursos. Busca incansavelmente exemplos que necessita na história do passado. A bíblia, sobre a qual ele era sem dúvida um grande conhecedor, sempre o proporcionava os exemplos necessários. Apenas essa maravilhosa exposição sobre os homens dos velhos e novos tempos já seria suficiente para testemunhar quão profundo era o seu entendimento da história humana em suas conexões internas, mesmo que quase nenhuma página de seu livro faça menção a ela.

Acredita-se que Stirner lia pouco — em oposição a Bruno Bauer. Isso parece estar equivocado ao observarmos o número significativo de obras de seu tempo às quais faz referência para exercitar sua crítica sobre as idéias contidas nos livros. São citadas por Stirner não apenas as mais importantes publicações de seu tempo, de Feuerbach e Bauer, os primeiros escritos de Proudhon que lhes oferece muitos alvos, mas também as passageiras obras de então, hoje completamente esquecidas. Essas citações, no entanto, nunca eram escritas de memória, mas eram constantemente empregadas da maneira mais cuidadosa, seguindo rigorosamente as palavras de seus autores.

Não apenas a história passada e presente, mas também a vida cotidiana lhe oferece repetidas ocasiões para resgatar sua colorida riqueza, no intuito de provar diariamente a infalibilidade de suas afirmações, não obstante os mais convincentes exemplos.

Ao mesmo tempo, não é a riqueza do seu conhecimento, a delicadeza com que o emprega e o seu intelecto, mas é aquilo que não pode ser aprendido e é possível apenas aos gênios — captar o mundo dos homens com o instinto da intuição de tal maneira que o importante seja separado do supérfluo — o que faz de Max Stirner e de seu trabalho tão único. Do mesmo modo que é capaz de delinear com poucos traços uma vida humana única, fazendo-lhe permanecer tangível em todo seu desenvolvimento de criança a homem, ele também demonstra nas inundações das grandes correntezas da humanidade sobre a terra a trajetória das idéias através dos séculos e suas idas e vindas; o que as propulsiona e onde elas se chocam é compreendido primeiramente relacionado a ele. Massas caóticas adquirem forma por suas mãos, para que nós as reconheçamos em sua verdadeira forma.

Com a mesma certeza ao atravessar a neblina do passado, ele nos conduz através dos demolidores do nosso agitado próprio tempo. Nem o distante, nem o próximo confundem a sua visão, e incansavelmente nos conduz através da nossa selva de erros, até que alcançemos o solo seguro do futuro com a alta e orgulhosa estatura de proprietário.

A linguagem e estilo do livro de Stirner — “o laborioso trabalho dos melhores anos de sua vida” — são tão originais quanto seu pensamento. Ele mesmo certa vez o chamou de “a quase desajeitada expressão do que queria.” Ele afirmou sobre si mesmo que “lutou muito contra uma língua que havia sido mimada por filósofos, mal

utilizada pelo Estado, pela religião e outros crentes, e capaz de gerar uma ampla confusão de conceitos.” Sua linguagem possui, no entanto, um grande charme. Ela não é suave e maleável, portanto não será atrativa ou desencaminhadora; não é obscura e difícil, portanto não irá confundir ou intimidar. Mais do que qualquer outra coisa ela é de clareza cristalina, honesta, viva e capaz de qualquer expressão. Não conhece frase vazia, nenhuma contradição nem meias-medidas. Nunca se contenta com pistas, e em tudo o que fala, persegue o objetivo até que o alcance.

Afirma-se que o estilo de Stirner é cansativo devido a suas repetições. Na realidade, Stirner nunca se repete. Ao aproximar-se de seu objeto de análise de maneira inventiva, sempre inovadora, ele nunca o abandona antes de tê-lo visto por todos os ângulos e tê-lo compreendido. É realmente impressionante a multiplicidade de ângulos pelos quais sua visão infalível enxerga as coisas e os homens, além do fato de nunca ser demais repetir verdades, o grande valor de sua obra está precisamente em abordar todas as objeções, em levar em consideração todos os diversos ataques à soberania do Eu. Quando lhe parece necessário, ele mesmo revela a raiz etimológica do conceito a ser descoberto (por exemplo, Estado, sociedade etc.). Ele tem uma extraordinária paixão por perseguir o significado da palavra e frequentemente expõe sua ambigüidade pela forma perspicaz com que a utiliza, de tal maneira que a tradução de suas frases para outros idiomas pareça impossível. Ele prefere a confrontação afiada de opostos de forma a provar sua completa impossibilidade de conciliação. E todos aqueles que utilizam meias-medidas e eufemismos — os piores inimigos de qualquer progresso — o acusarão agora, assim como antes, de “extremista”.

Já os que não podiam acusar de ambigüidades seu estilo afiado, preciso e livre, de maneira escorregadia eles diziam ser frio.

A acusação volta-se contra os que a fazem: os que só conseguem se aquecer no fogo artificial do entusiasmo, nunca na própria chama pura da vida. Assim como uma incomensurável fúria fulmina desde as profundezas de seu livro, o calor da vida emana de sua linguagem. É verdade que ela às vezes se torna pesada e ampla, e somente após algumas reiteradas tentativas consegue lidar com aquilo que pretende ultrapassar. Mas não é falha de Stirner que ela precisa vencer o caminho através da selva de conceitos confusos e áridas abstrações de outros, por meio da dialética hegeliana e do jargão do liberalismo da época. Como ela respira aliviada quando se torna novamente a expressão dos próprios pensamentos de seu mestre, com que luz ela então os persegue — da alta zombaria até o cáustico desprezo, da alegre risada a mais amarga seriedade! Ela não torna a força de seu pensamento mais difícil à toa e raramente se eleva a um sublime emocionalismo. Mas onde se torna apaixonada, ela agarra com toda a força e cria descrições dignas de um artista de primeira linha, para a qual, juntamente com esses que possuem a frágil inocência de um desejo não correspondido, essas linhas também pertencem ao que Stirner escreveu, enquanto os sinos badalavam ao seu ouvido, que soavam “o festival de mil anos de existência da nossa querida Alemanha”. Esse livro parece ser frio? Que desprezo fala do feitiço dos “verdadeiros sedutores” da juventude, desses que “apressadamente semeiam os grãos do auto-desprezo e reverência a Deus, que preenchem jovens corações com lama e jovens mentes com estupidez”! E que amargura, que orgulho ferrenho das descrições do grande hospício do mundo e o insano

comportamento dos internos, sua sede de vingança, sua covardia?

Essa linguagem, tão cheia de emoção e com inesgotável fonte de expressões, possui ainda uma clareza cristalina. Torna a leitura desse livro único possível a qualquer um que saiba pensar. Por essa razão, os filósofos profissionais o rejeitam. Mas isso é completamente imaterial. Quando a ciência se tornar livre, como almeja a arte hoje em dia, Max Stirner irá ocupar o seu devido lugar. Enquanto isso, seu livro terá passado por milhares e milhares de mãos, espalhando as sementes de seu pensamento sobre a terra.

Não é um livro que possa ser lido de uma vez. Também não é um livro que se possa folhear. Ele será apanhado e deixado de lado muitas vezes, para que os pensamentos que emergiram possam serenar, para que as sensações de indignação fiquem claras. A cada nova aproximação, o livro deixará uma marca mais duradoura em nós e seu charme cada vez mais intenso. Ele nos acompanhará pela vida, e como nunca conseguiremos vivê-la até o fim, nunca conseguiremos esgotá-lo inteiramente.

Este livro é a própria vida.

Os expoentes da “crítica” se defrontaram com uma perda diante da obra.

Eles provavelmente perceberam que não poderiam deixar de dar atenção a uma publicação que mexia com as emoções em tantos sentidos. Porém, em parte eles não cumpriram sua obrigação, e em parte buscaram dispensar-se dela. As razões são evidentes —sua impotência.

Assim, a quantidade de resenhas detalhadas e que possam ser levadas a sério é relativamente pequena; mas é ainda muito grande para que possamos analisá-las uma a uma cuidadosamente neste momento, ainda que merecessem.

Uma breve, mesmo que incompleta, visão é necessária para esclarecer a extensão do cenário apresentado acima relativo à recepção geral da obra.

As resenhas mais importantes são sem dúvida as consideradas pelo próprio Stirner e às quais respondeu; a elas será dada de imediato a atenção que merecem.

Primeiro, em relação aos jornais de grande circulação — até onde podem ser analisados nessa conexão —, que ignoraram completamente o livro. Eles tinham coisas mais relevantes a fazer do que dar atenção a uma importante publicação que exigiria espaço, que seria melhor — e mais facilmente — ocupado por algum tipo de fofoca ou discussão sobre atualidades. O tempo do *Hallisches Jahrbuch* e do *Deutsches Jahrbuch* tinha passado, e aquilo que era importante e sério era cada vez mais espremido nos minguados espaços dos folhetins.

Os periódicos e as revistas especializadas agiram menos negativamente. O *Blätter für litterische Unterhaltung* de 1846, que, diga-se, resenhava tudo, buscou em um longo artigo chegar ao fundo do “único” [“der Einzige”]. Para eles, ele é o “excesso de filosofia de uma escola decadente”, seu conceito de intelectual é completamente falso e materialista; ele é o “profeta solitário”, e em nenhum lugar está tão bem e claramente refletida a dissolução do hegelianismo na sua forma de manual.

Die Grenzboten, em Leipzig, ocupava-se freqüentemente com Stirner. A primeira vez foi em uma resenha escrita logo após a publicação de seu livro. O autor, um certo W. Friedensburg, era da opinião de que as “últimas

teorias dificilmente admitem outro interesse no ser humano que não seja o da atitude mais *blasé* e esvaziada de pensamento, como aquela que encontra expressão apenas no ballet contemporâneo.” Mas ele irá, de fato, cuidar-se para não se ocupar da obra de Stirner com mais seriedade do que já havia feito. “Quem irá me garantir, portanto, que esse Eu não está se entretendo comigo e não está rindo diante do tolo que considera o tradicional como sendo o lado mais sério do senso de verdade!”

Dois anos depois, *Der Einzige* era chamado de apaixonado, trazendo profundos sinais de uma bela alma, entediada pela monotonia da vida filistina, pela história e em esforçar-se por um objetivo! Antes, no entanto, um futuro era ainda profetizado por essa “bela alma”, e a esperança era de que Stirner “retornaria à velha bandeira após sua fracassada revolta contra o liberalismo.” Como se ele algum dia fosse assumir essa bandeira!

A partir da perspectiva teológica, Hengstenberg respondeu em seu conhecido *Evangelische Kirchenzeitung* no final de 1846. Ocorreu na publicação do livro *Das Verstandesthum und Individuum* [*Racionalidade e o indivíduo*; publicado anonimamente por Karl Schmidt]. Stirner era visto como acabado, seu livro foi meramente citado.

Houve muitas discussões sobre *Der Einzige* em *Viertel-jahrsschrift* de Wigand e sobre sua seqüência, *Die Epigonen*, além dos artigos em que Stirner respondeu pessoalmente, e sobre os quais voltarei adiante. No terceiro volume da primeira revista citada acima, uma seção “Feuerbach und Der Einzige” do artigo “Characteristik Ludwig Feuerbach”, escrito por um anônimo, é dedicada ao “digno adversário”; no quarto volume de *Die Epigonen* há um artigo, “Auflösung des Einzigen durch den Menschen” [Dissolução do único por meio do homem], escrito por Bettina von Arnim.

Apenas a detalhada resenha, “De la crise actuelle de la Philosophie Hégélienne. Les parties extrême en Allemagne,” publicada no *Revue des deux Mondes*, de 1847, deve ser lembrada. Seu autor Saint-René Taillandier é o grande conhecedor, um especialista em relações alemãs. A resenha é dedicada, conjuntamente a Ruge e Stirner. O autor é corretamente da opinião de que a tradução do título para o francês não deveria ser “L’individu et sa propriété”, mas “L’unique et sa propriété”. Ele se coloca inteiramente ao lado de Stirner e nós reproduzimos algumas passagens de sua obra memorável na tradução alemã de [Hermann] Jellinek, que junto com [Alfred Julius] Becher foi executado [por pelotão de fuzilamento] diante do Neutor, em Viena: “Veja que precisão, que certeza indestrutível em Max Stirner! Nada o abala em sua poderosa combinação de idéias. Homem afortunado! Não possui qualquer escrúpulo, nenhuma hesitação ou remorso. Nunca um dialético foi tão bem defendido pela secura de sua natureza. Sua caneta não estremece; é elegante sem ser afetada, graciosa sem ser tendenciosa. Onde outro seria agitado, ele sorri naturalmente. O ateísmo é suspeito por ser ainda religioso em demasia; acrescentar ateísmo a egoísmo, essa é a tarefa que cumpre, e com que facilidade, com que calma de espírito!” E ainda: “o fato de que uma caneta capaz de escrever essas coisas foi encontrada, que as escreveu tão friamente, com tamanha elegância, é um segredo incompreensível. Uma pessoa deve ler o livro para convencer-se de que ele existe.” E, por último: “Como pode alguém tornar esse entusiasmo sobre nada compreensível para um leitor francês?”

O francês, portanto, avalia a obra detalhadamente da sua maneira, e no decorrer de sua pesquisa percebe que não está do lado de Stirner como imaginava que estaria no início da investigação: ele atira palavras contra essa “obsessão estúpida de renunciar a si mesmo” que é tão apaixonada quanto aquelas que utilizou anteriormente em

sua avaliação. Mas é notável que foi um estrangeiro quem encontrou a primeira e praticamente a única palavra de carinhosa admiração pela obra e procurou ser justo sobre sua ousadia e grandeza.

A quantidade de artigos independentes sobre *Der Einzige* era extremamente pequena: a filosofia privilegiada e suas publicações mantiveram naturalmente silêncio mortal sobre todo o movimento. Mas o livro era mencionado em quase todas as considerações da filosofia “crítica” da época.

Quem quer que se depare com um artigo sobre os “pós-hegelianos” pode estar certo de encontrar o nome de Stirner atrás de Strauss, Feuerbach e Bruno Bauer, às vezes descartado com palavras de desprezo, e raramente com um sério esforço de ser justo com ele, como nos seis volumes de Brockhaus *Die Gegenwart* de 1851, em um artigo anônimo “Die deutsche Philosophie seit Hegels Tode” [“Filosofia alemã após a morte de Hegel”]. Ali, atrás de todas as suas vítimas, eles encaixotaram o grande destruidor, feliz por ter encontrado um lugar para seu espírito desenfreado. Stirner ainda hoje se encontra nesse canto — com “seu escrito, que pode ser considerado como o mais extremo que o radicalismo filosófico da época produziu em corajosa e engenhosa negação,” como no verdadeiramente notável acordo literal entre esses homens exaustivamente sabidos de nossas grandes enciclopédias, copiando uns aos outros.

As vítimas diretas em parte mantiveram silêncio, em parte buscaram se defender. Da parte da “Crítica” foi pela boca de Szeliga, a quem Stirner respondeu, enquanto o próprio Bruno Bauer nunca chegou a mencionar o nome de Stirner em seus escritos (Bauer já tinha abordado esta discussão na época de sua pesquisa histórica sobre a crítica do “soberano, do absoluto”) — veremos em breve como Feuerbach se posicionou. — Os socialis-

tas e comunistas não se dignaram a qualquer resposta detalhada. Para ser exato, Marx e Engels responderam imediatamente, mas o manuscrito de sua obra “contra as ramificações da escola hegeliana” apenas veio à luz, “até onde não foi devorado pelas traças,” cerca de sessenta anos depois, em 1903. É saborosamente intitulado “São Max” e é certamente o mais estúpido e vazio escrito que as lutas dialéticas da época produziram. É legível apenas para aquele que possuiu interesse e compreensão suficientes para considerar interessante essa última polêmica de valor exclusivamente histórico. Até mesmo seu último editor não o apoiou mais, como realmente deveria. Sabemos como Stirner acabou com o jargão da escola pós-hegeliana e quão difícil foi, de acordo com ele mesmo. Mas enquanto ele o transformou na própria linguagem da vida, Marx e seu eco permaneceram presos a ele e depois o conduziram a abstrações que ainda hoje — infelizmente para o trabalho não-emancipado — dominam o partido e o deixam estagnar nas velhas e rígidas formas. A obra — na qual acidentalmente Moses Hess, um antigo adversário de Stirner, também participou — demonstra o valor reconhecido por Marx na obra de Stirner, quando lhe dedicou uma resposta quase tão extensa quanto o próprio *Der Einzige*.

Ruge foi facilmente influenciado: após a publicação de *Der Einzige*, como comprova sua correspondência, ele deu o mais caloroso reconhecimento a Stirner (“a primeira obra legível de filosofia em alemão,” “deve ser apoiada e divulgada”) até o entusiasmo pela crítica de seu mais odiado adversário, Kuno Fischer. Buscou discutir com Stirner em seu *Zwei Jahre in Paris [Dois anos em Paris]*, no qual concedeu considerável espaço ao livro de Stirner, o corajoso “chamado de despertar no campo dos teóricos adormecidos”, em sua consideração sobre “nossos últimos dez anos” (“Der Egoismus und

O único e sua propriedade

die Praxis: ich und die Welt” [*Egoísmo e experiência: Eu e o mundo*]).

Na história da filosofia — internacional e alemã — haverá espaço para a filosofia de Stirner, mesmo que não sempre e, claro, nem em seu devido lugar — como o início de uma nova era — nem em seu lugar adequado — como uma nova forma de pensar, que não parte do conceito para o sujeito, para subjuguá-lo, mas começa pelo último, captura o objeto, para subordiná-lo. Sim, na história da filosofia, na história da vida intelectual do nosso século, a Stirner será atribuído com relutância um pequeno espaço, pois todo escrito da história não é hoje em dia mais do que uma descrição do sucesso refletido nos olhos da maioria.

Não importa quanto adentrarmos na posição dessa crítica, como se desenvolveu depois e fora da crítica contemporânea descrita, ela nos levaria muito além das fronteiras da nossa obra.

O próprio Stirner respondeu por duas vezes às críticas à sua obra. Essas respostas, que são do maior interesse e importância, são ao mesmo tempo as últimas expressões da sua visão sobre a vida e (com uma exceção) suas últimas contribuições para revistas.

A primeira resposta opõe as três mais significativas e importantes resenhas feitas a *Der Einzige* no ano 1845. Elas vieram de três lados que haviam sido atacados por Stirner da maneira mais afiada: do lado socialista, Moses Hess, o comunista, respondeu; a crítica deu sua resposta por meio de Szeliga; o terceiro que se dignou a uma resposta foi o próprio Feuerbach. Juntas, essas críticas foram provavelmente as mais notáveis feitas a Stirner. Sua es-

colha em relação às três foi lógica e a ocasião lhe propiciou realizar, mais uma vez, seu ímpeto destrutivo contra todos os lados. A segunda resposta de Stirner, elaborada muito tempo depois, foi direcionada contra a resenha de um jovem que se arriscou em abordar sua obra com pretensão e audácia nunca antes vistas, cujo trabalho escolar foi resgatado do esquecimento apenas por meio da resposta de Stirner.

A primeira resposta de Stirner à crítica de *Der Einzige* é encontrada em quase cinqüenta páginas do terceiro volume de *Wigand's Vierteljahrsschrift*, de 1845. Seu título é “Recensenten Stirners” [Comentaristas de Stirner], e as iniciais “M. St.” como assinatura não deixam dúvidas sobre o autor.

A crítica de Szeliga, “Der Einzige und sein Eigenthum”, foi publicada na edição de março de *Norddeutsche Blätter*, publicada pelos Bauer, por Fränkel L. Köppen e pelo próprio Szeliga como “Beiträge zum Feldzuge der Kritik” [“Contribuições para a campanha da crítica”]. Szeliga (seu verdadeiro nome era outro) era um jovem oficial, “uma figura militar precisa no pensamento e na fala, agressivo, com uma inclinação soldadesca à crítica, sem um mínimo de revolucionário e opositor, com um campo de visão prático e obtuso. Ele indagava apenas uma coisa da filosofia, que o libertasse de todas as considerações burguesas.” Ele não freqüentava “Os Livres” em Hippiel, provavelmente por causa de sua oposição, mas pertencia ao círculo de Bauer em Charlottenburg e era considerado membro da “Sagrada Família”; estreou na revista literária dos Bauer com uma longa e tediosa crítica sobre *Les Mystères de Paris*. A ocupação industrial de suas horas de lazer com questões filosóficas da atualidade produziu ainda mais brochuras, como por exemplo, *Die Universalreform und der Egoismus* [“Reforma universal e egoísmo”]. Sua crítica à obra de Stirner, sobre a qual já havia dado uma

aula a um pequeno círculo, é extraordinariamente detalhada. É a crítica da escola de Bauer, que aqui balança sua arma. “*Der Einzige*”, ele afirma, “fornece a oportunidade de um novo trabalho de auto-satisfação à crítica,” ao qual é tão pouco uma questão de derrubada de um, quanto da ascensão do outro. Após cuidadoso exame da “trajetória de vida do único um”, ele é declarado ser a “assombração das assombrações” e a posição de crítica a essa assombração é tratada de maneira tediosa. Como nesse caso, e também nas próximas resenhas, o exame das réplicas de Stirner nos possibilita abordar os pontos mais importantes, reconhecidos com tal e refutados pelo próprio Stirner.

A segunda importante crítica a *Der Einzige* veio do lado socialista, por meio de Moses Hess, em uma brochura de vinte e seis páginas publicada em Darmstadt, intitulada *Die letzten Philosophen* [“Os últimos filósofos”]. Hess era um dos mais ativos combatentes do ainda jovem movimento socialista. Como Stirner, era um antigo colaborador do *Rheinische Zeitung*. Comunista em todos os sentidos, ele escreveu artigos para a revista de Herwegh *Einundzwanzig Bogen aus der Schweiz* e em 1845 refletiu precisamente sobre o capitalismo em sua revista *Gesellschaftsspiegel*, “reconhecidamente o centro do movimento socialista da época em Rhineland.” Os “últimos filósofos” são para ele Bruno Bauer e Stirner, o “solitário” e o “único”; no entanto, ele dirige sua crítica quase que exclusivamente ao último. Ele inicia sua apresentação com a suspeita de que “alguém poderia afirmar que os escritos recentes publicados por filósofos alemães eram instigados pela reação,” uma suspeita que desde então foi monotonamente reiterada pelos socialistas contra todo pensador liberal. Ele se esquivava rapidamente ao explicar que Bruno Bauer e Stirner nunca se deixaram determinar “pelo exterior”. Porém, se em sua opinião, “o desenvolvimento interior dessa filosofia que deriva da vida, teve

que voltar-se a esse ‘nonsense’,” ele deixa a acusação da reação interna vigorar, convencido de também ganhar com isso o sucesso que ele pretendia aos olhos das massas.

Após um olhar de relance sobre o dualismo da filosofia cristã, o “conflito entre teoria e práxis”, ele encontra no Estado cristão daquela filosofia, a moderna igreja cristã, o paraíso na terra. Nos cidadãos do Estado, de outro lado, ele não vê o verdadeiro homem, mas apenas seus espíritos, pois os corpos desses espíritos estão na sociedade burguesa. A Alemanha, para ele, ainda não alcançou esse Estado moderno, livre, que novamente pôs fim ao contraste entre o indivíduo e a raça. Porém, seus mais recentes filósofos, que alcançaram a realidade teórica dessa igreja moderna e suas contradições uns em relação aos outros, apenas consideram a relação do Estado com a sociedade burguesa. Portanto, Hess aproxima-se dos conseqüentes teóricos da escola filosófica.

Ele discorda de Bauer afirmando que sua crítica nada mais é do que a crítica da alta polícia do Estado, para manter os desprezados sob controle; ele terá uma conversa muito especial com o próprio Stirner. De que tipo e quão triviais são suas objeções a ele é o que veremos a partir da resposta de Stirner.

O terceiro na aliança compulsória é o próprio Ludwig Feuerbach. Ele publicou sua breve resposta a Stirner, “Über das ‘Wesen des Christenthums’ in Bezug auf den ‘Einzigem und sein Eigenthum’” [“Sobre a essência do cristianismo com referência a *O único e a sua propriedade*”], no segundo volume de *Wigand's Vierteljahrsschrift* de 1845 e re-publicou, sem alterações, pouco tempo depois, no primeiro volume de seu *Sämmtliche Werke* [Obras reunidas], o *Erläuterungen und Ergänzungen zum Wesen des Christenthums* [“Comentários e adições à *Essência do cristianismo*”], no qual incluiu uma nota de rodapé: que ali, como em qualquer lugar, ele apenas considera sua es-

crita como uma escrita panorâmica, diante da qual ele mesmo se coloca em uma relação extremamente crítica. E que ele tem a ver apenas com seu tema, natureza e espírito, enquanto deixa a ocupação com suas letras alfabéticas para as crianças de Deus ou do Diabo.

Stirner deve ter se interessado pela resposta de Feuerbach — e deve nos interessar — mais do que pelas outras críticas. Nela, a reclusão de Bruckberg buscou desviar o poderoso golpe de Stirner, desferido precisamente nele, mas infelizmente apenas muito breve, escrito em aforismos, e condensado em algumas páginas.

Feuerbach nutria a maior admiração pela obra de seu adversário e a expressou claramente. Ele se inteirou da obra imediatamente após sua publicação e, no outono de 1844, escreveu a seu irmão: “é um trabalho engenhoso e de grande inteligência e tem algo a dizer sobre a verdade do egoísmo — mas excêntrico, parcial, falsamente definido. Sua polêmica contra a antropologia, isto é, contra mim, está assentada em pura falta de discernimento ou ausência de pensamento. Eu concordo com ele até certo ponto; em essência, ele não me atinge. Ele é, no entanto, o escritor mais engenhoso e livre que eu conheço.” Se a partir dessas linhas pode-se inferir toda a insegurança interior de Feuerbach em relação a seu adversário — sua honestidade está em batalha constante com seu orgulho ferido — assim, essa insegurança demonstra completamente a maneira pela qual ele acredita poder acabar com “o escritor mais engenhoso e livre que ele conhece.” Primeiramente, ele considerou escrever uma “carta aberta”, como relata seu mais recente biógrafo, Wilhelm Bolin, da qual ele também esboçou um começo. Ela ainda existe e se lê: “Caro ‘indescritível’ e ‘incomparável’ egoísta! Assim como toda a sua escrita, é também verdadeiramente ‘incompará-

vel' e 'único' o seu discernimento sobre mim. Eu há muito tempo previa essa opinião, apesar de ser tão original, e disse a amigos: serei tão irreconhecível que eu, que agora sou o 'fanático', o 'apaixonado' inimigo do cristianismo, serei incluído até mesmo entre seus apolo-gistas. Mas o fato de que isso aconteceria tão rápido, de que até mesmo já teria acontecido, é que — admito — me surpreendeu. Isso é 'único' e 'incomparável' como você mesmo. Por menor que seja o tempo e o desejo de que disponho agora para refutar opiniões que não me tocam, mas apenas à minha sombra, eu ainda assim farei uma exceção ao caso do 'Único Um', do 'Incomparável Um'."

Felizmente Feuerbach desistiu de continuar referindo-se a Stirner dessa maneira, mas, infelizmente, permaneceu com suas breves "explicações," em vez de ter coragem e tempo para uma resposta consistente. Em outra carta a seu irmão, de 13 de dezembro de 1844, ele mais uma vez busca se desculpar e se conforta com a tola, mas para sua arrogância ética muito expressiva, suposição de que "o ataque de Stirner trai certa vaidade, como se quisesse construir seu nome às minhas cus-tas." Assim, ele magnânimo, deixa ao pobre anônimo a "alegria infantil do triunfo momentâneo." Na realidade, o astuto homem parece ter suspeitado que em Stirner emergia um formidável adversário cuja vitória sobre ele significaria nada mais do que sua própria completa des-truição, e preferiu, assim, evitar novas batalhas para que não traisse a fama de vitorioso por meio de novas derrotas. Provavelmente, por uma razão similar, ele omitiu em assinar seu nome em seus comentários em *Wigand's Vierteljahrsschrift*, que atraiu interesse universal para a controvérsia que era esperada de todos os lados. Casualmente, pode-se dizer aqui que Feuerbach e Stirner nunca se encontraram pessoalmente; Feuerbach nunca veio

a Berlin, e Stirner nunca saiu de lá enquanto um encontro teria sido de interesse de ambos.

Como foi dito, Feuerbach, Hess e Szeliga responderam a Stirner conjuntamente. Ele deve ter escrito sua resposta “Rezensenten Stirners” [“Críticos de Stirner”]⁴ imediatamente após a aparição da crítica em questão e quase de maneira precipitada. Como Feuerbach, ele também escreve sobre si mesmo na terceira pessoa.

Após breve caracterização dos autores: Hess como socialista, Szeliga como crítico, e o anônimo — Feuerbach —, que primeiro toca no ponto em que todos os três concordam, o “Único Um” e o “Egoísta.”

Segundo eles, o “Único Um” aparece como o “espírito dos espíritos” “como o “indivíduo sagrado que se deve livrar da mente,” e como um absoluto “arrogante.”

Admita-se, o “Único Um” é uma frase vazia, uma expressão que nada expressa. Com relação às sagradas e grandiosas frases como homem, espírito, o verdadeiro indivíduo etc. é ainda apenas a “frase vazia, inculta e comum.” Ele, o único um, cujo conteúdo não é pensamento-conteúdo, é, portanto, também indescritível e “porque indescritível, o mais completo, e ao mesmo tempo — sem frase.” Mas o próprio Szeliga é a frase-conteúdo, Feuerbach com seu imaginado Único Um no Paraíso (Deus) é a frase sem frase-proprietária, e Hess, o único Hess, é ele mesmo apenas um arrogante — os três não o captaram.

Suas caracterizações do egoísta são muito populares e demasiadamente simples. Os exemplos escolhidos por eles são despidos de sua santidade: o emocionante exemplo de Feuerbach, que opõe a cortesã ao amado; o de Szeliga, da menina rica e da mulher petulante; e o que Stirner utiliza para Hess, do europeu e do crocodilo — eles todos dão margem a ver mais uma vez, por todos os

lados a natureza do próprio interesse de alguém quando comparada ao interesse sagrado. A santidade da união dos sexos, orgulho de serviço, trabalho e a lei humana do amor fornecem uma compreensão sobre descobertas que são tão profundas quanto surpreendentes; elas demonstram de uma nova maneira quão sem sentido é trazer o sagrado para simples relações sexuais, que eles permitem existir por mais tempo que o interesse exige (“o interesse de um sobre o outro cessa, mas o laço desinteressante continua a existir; quão tolo é colocar o que é absolutamente, genericamente interessante por sobre o próprio interesse pessoal”) e quão inútil é perseguir “altas” leis, em vez de deixar o indivíduo fazer aquilo que lhe parece mais útil.

Stirner encerra sua resposta geral apontando que nenhum dos três “reconheceu” a mais longa seção de sua obra, na qual trata amplamente das relações do egoísta com o mundo e suas associações; ou seja, todos ignoraram essa seção. Ele finaliza dedicando algumas palavras a cada um deles. Nelas, Stirner desconsidera os brutos e grosseiros ataques de indignação contra o egoísmo.

Está claro que não ocorreu a Szeliga usar crítica “pura”: o que ele fez não é a crítica “pura”, mas a crítica totalmente parcial.

Feuerbach não tocou de maneira alguma no ponto que realmente importava, ou seja, “que a essência do homem não é a de Feuerbach ou de Stirner, ou a de qualquer outro homem.” Ele não tem nenhuma pista disso. “Ele permanece preso em completa despreocupação com suas categorias de gênero e indivíduo, Eu e você, homem e natureza humana,” afirma Stirner. As outras respostas a Feuerbach desafiam uma repetição na brevidade exigida aqui, tanto quanto as próprias “explicações” de Feuerbach; para serem compreendidos, ambos de-

vem ser lidos e examinados em sua completude. Portanto, apenas nessa medida é que as objeções de Feuerbach devem se recolher passo a passo diante da incansável lógica com a qual Stirner refuta cada um de seus argumentos.

Stirner conclui provando a Hess que ele, enquanto homem, não pode ser mais completo do que é: todo o gênero humano está contido nele, em Hess, e não falta nada daquilo que torna um homem um homem. Mostra ainda o pouco que ele compreendeu dos egoístas se associando entre eles; quão absurdo é assumir que a sociedade burguesa poderia importar a ele de alguma maneira. Ele, então, busca refutar uma série de objeções, tendo passado sobre outros com justificado desprezo, tal como na passagem em que se refere à oposição de Stirner ao Estado como “oposição ordinária da burguesia liberal”; “qualquer um que não tenha lido o livro de Stirner sem dúvida vê isso imediatamente.” Finalmente, Stirner explica a Hess, com alguns exemplos simples, óbvios, sua “associação de egoístas.” (Hess a chamava — muito equivocadamente — “associação egoísta”). Para Stirner, essa não é uma associação de egoístas na qual alguns permitem a trapaça à custa dos outros, mas, ao contrário, uma associação em que o contato entre o interesse do um e o interesse de outros, mesmo que apenas rapidamente, de passagem, é motivo para se associarem.

Finalmente, Stirner relembra a seus três críticos de uma passagem do pequeno artigo de Feuerbach “Kritik des Anti-Hegel.” Já que o esquecido tratado pode apenas ser encontrado em algumas poucas mãos, vou citá-lo aqui. Feuerbach fala sobre o duplo tipo de crítica que tem sido destinada aos sistemas filosóficos: a crítica do reconhecimento e a crítica do desentendimento. Sobre a última, ele afirma na seguinte passagem: “O crítico

não separa aqui a filosofia do filósofo; ele não se identifica com seu ser, não se transforma em seu outro Eu... Ele tem sempre outras coisas na cabeça em relação ao seu adversário; ele não pode assimilar suas idéias e, conseqüentemente, não encontra sentido nelas a partir de sua compreensão; elas se movem no espaço vazio de seu próprio eu como átomos epicuristas, e seu entendimento é a oportunidade de reunir um aparente todo por meio de apropriados ganchos exteriores especiais. A única, válida, objetiva medida, a idéia do sistema, da qual a alma onipresente, ela mesma na maior das contradições, é ainda a unidade, presente ou não, é para ele um objeto, ou apenas uma má cópia feita por ele mesmo. Portanto, ele se vê transferido ao campo de seu adversário numa terra não-mundana, onde tudo necessariamente lhe chega tão maravilhosamente 'Nova Holanda' (o antigo nome da Austrália), que 'visão e audição lhe falham', que ele não sabe mais se está acordado ou sonhando e talvez, às vezes, apesar da certeza apenas em rápidos momentos de seu *intervalla lucida* (lúcidos intervalos), até mesmo duvida de sua identidade e da correção de seu entendimento. As formas mais nobres, harmonicamente ligadas, transitam nos mais aventureiros emaranhados como figuras inconsistentes, grotescas, diante de seus olhos perplexos; as mais elevadas expressões da razão soam como contos de fada sem significado em seus ouvidos. Em sua cabeça, ele provavelmente encontra idéias e conceitos análogos a idéias filosóficas, e nelas possui alguns frágeis indícios, mas apenas para o objetivo de com elas crucificar o filósofo como criminoso contra o senso comum. Pois ele conhece esses conceitos apenas até certo ponto e considera esse limite como sendo a lei de suas validades. Se eles se estendessem para além dessas estreitas fronteiras, os perderia de vista. Eles se perdem na neblina azul do inalcançável como fantasmas, o qual o filósofo, por meio de

um truque secreto até agora não revelado, hipnotiza ao mesmo tempo como a *second sight*⁵ dessa razão.”

Essas palavras de Feuerbach ajustam-se bem à maioria, até mesmo a grande maioria de críticos de Stirner, que acabou por saber apenas isso, a crítica do desentendimento.

Feuerbach, no entanto, quando escreveu provavelmente nunca pensou que ele mesmo seria lembrado pelo reverso de suas próprias palavras.

As esperanças às quais Stirner dá vazão — numa ocasião futura falar mais extensamente sobre algumas das questões tratadas, como a sociedade burguesa, a santidade do trabalho etc. — demonstram quão seriamente ele pensou sobre dedicar seu mais profundo interesse na questão social. Elas permaneceram, no entanto, descumpridas.

Apenas uma vez mais, pela segunda e última vez, Stirner respondeu a críticas a sua obra. Ocorreu quase dois anos depois. Wigand havia dado continuidade a seu *Vierteljahrsschrift*, que havia sido proibido após curta existência, com *Die Epigonen*. Nele, em seu quarto volume, de 1847, após seu livro ter sido comentado diversas vezes em números anteriores, Stirner publicou, sob o pseudônimo G. Edward, uma resposta a Kuno Fischer.

Este último, na época um jovem estudante de vinte anos de Halle, pouco tempo antes havia publicado no *Leipziger Revue* um longo artigo, “Moderne Sophisten” [“Sofistas modernos”], no qual sujeitou a escola moderna de filosofia a uma crítica tão insolente quanto superficial, mas não pouco imaginativa. Já que aquela revista foi imediatamente posta de lado, ele permitiu que seu artigo fosse reeditado no quinto volume de *Die Epigonen*, a pedido de Wigand, e sem respeito por seu

adversário, como ele disse, o teria tornado um *corpus delicti* [corpo de delito].

Enquanto isso, Stirner respondeu. Seu manuscrito dever ter chegado às mãos de Fischer, já que junto com sua resposta foi publicado um comentário escrito por ele. Ambos possuíam o mesmo título, “Die philosophischen Reactionäre” [“Os reacionários filosóficos”]; os comentários de Stirner tinham o seguinte subtítulo, “Die Modernen Sophisten. Von Kuno Fischer” [“Os sofistas modernos, por Kuno Fischer”. A resposta de Fischer foi “Ein Apologet der Sophistik und ein ‘philosophischer Reactionär” [“Um apologista do sofismo e um ‘reacionário filosófico”].

Ao se examinar de perto a resposta de G. Edwards poderia parecer que não tivesse saído da caneta de Stirner. Não porque o autor tenha se referido a Stirner na terceira pessoa, o que era muito natural, mas devido ao estilo do artigo que às vezes não refletia as inconfundíveis características do estilo de Stirner. Mas Fischer assumiu com tamanha certeza que Stirner era o autor, e este não fez qualquer esforço para contradizer essa suposição, que temos todas as razões para acreditar que esse ensaio, de extraordinária importância em tantos aspectos, é uma obra de Stirner.

“Die modernen Sophisten” de Kuno Fischer inicia com uma consideração sobre “os princípios do sofismo”, daí parte para “os pré-requisitos filosóficos do sofismo moderno,” como figuram para ele em Hegel (“a manifestação do espírito absoluto na energia teórica e prática do homem”), Strauss (o reconhecimento panteísta do espírito absoluto), Bauer (o desaparecimento de qualquer objeto em pura arbitrariedade), e Feuerbach (o ponto de vista de qualquer humanismo). Primeiramente, ele vê o “sofismo moderno” em Stirner: “o egoísmo absoluto ou o reino animal espiritual.” A maior parte do tratado é dedicada a ele. Stirner é o pietista e dogmático do egoís-

mo, que vê espíritos em todo lugar; o único um “a arbitrariedade dogmática — que se tornou um princípio — uma monomania fundada na crença em fantasmas.” Veremos adiante como Stirner responde a isso. A última parte do ensaio ocupa-se de dois livros, dos quais Fischer afirma que o sofisma contido neles vai até mesmo além de Stirner, do egoísmo ao indivíduo e deste à ironia. Esses pontos serão também abordados mais adiante. Ao final, a antítese ao sofisma moderno é definida — humanismo, “humanidade livre.”

Em sua resposta, Stirner debocha da impressionante agilidade com que Fischer termina com “a tediosa obratitã da crítica moderna.” Assim como tudo isso é mantido mais ao nível pessoal do que a resposta anterior, é também ao mesmo tempo rica em idéias mordazes e expressivas. De acordo com o padrão de Fischer, todo pensador pode ser considerado um sofista: visto dessa maneira, ou ele é um “filósofo” ou um “sofista.” Os próximos comentários só podem ser compreendidos se mantidos em sua versão integral e não podem ser reproduzidos de maneira alguma de forma abreviada. Os conceitos definidos por Fischer, conforme estabelecidos em seu uso como, por exemplo, o dos “poderes objetivos do mundo”, o do “pensar”, o do “mundo moral”, são examinados a partir de novas perspectivas. Sua descrição de sofismo na história é investigada: os jesuítas, os românticos (sujeitos “particulares”), “pura crítica.” A contradição entre interesse e princípio é abordada. A suposição de que o egoísmo de Stirner tinha se desenvolvido como consequência da auto-consciência de Bauer é confrontada com o fato de que Stirner já tinha terminado sua obra, enquanto Bauer ainda estava preso no trabalho de sua crítica à Bíblia, e que Stirner somente poderia ter lembrado da proclamação da “crítica absoluta”, em um apêndice. Fischer parece desconhecer a polêmica de Stirner com Feuerbach. Se ele a conhecesse, não

teria visto no “egoísmo” de Stirner o “dever” de um “imperativo categórico,” um “dogma”, pois Stirner define o egoísta em oposição ao “dever”, ao “ser homem,” humanismo, o inumano — define sua “ataraxia” [calma], sua intransigência, seu terrorismo contra tudo que é humano. O desentendimento é tão grosseiro que Stirner desejou desistir de toda comunidade com os homens, se retirar de todas as características de sua organização, simplesmente negando-as!

Essa resposta termina com uma indicação das poderosas conseqüências da obra de Stirner e uma engenhosa comparação. Mesmo se não tivesse sido escrito por Stirner, a resposta veio de alguém que poderia se orgulhar de ter prontamente compreendido naquela época a essência de seus ensinamentos melhor do que a maioria. Quando, ao final, ele compara Kuno Fischer a um homem cuja obra equivale a tornar-se famoso *à tout prix* [a qualquer preço], ele também está certo.

A resposta contemporânea de Fischer a ele bastava como uma nova prova de que suas suposições estavam corretas.

Um ano depois da publicação de *Der Einzige*, também na editora de Wigand, uma obra anônima *Das Verstandesthum und das Individuum* [“A racionalidade e o indivíduo”] apareceu, e foi rapidamente seguida por outra, uma obra menos extensa com o título *Liebesbriefe ohne Liebe* [“Cartas de amor sem amor”]. Seu autor se auto-denominava Karl Bürger. Na realidade, o autor de ambas era um jovem filósofo, que havia sido por um tempo membro do círculo de Hippel, e posteriormente também do Köthener

O único e sua propriedade

Kellergesellschaft [sociedade da adega (de vinhos) Köthen], cujo nome real era Dr. Karl Schmidt, de Dessau. Ele, posteriormente, retornou à sua teologia, escreveu numerosos trabalhos pedagógicos e se fez conhecer principalmente por meio de sua obra de vários volumes *Geschichte der Pädagogik* ["História da pedagogia"].

Foi nesses dois escritos que Kuno Fischer tão astutamente percebeu a transição do mundo "espiritual" ao "mundo natural animal" e à "ironia". Eles podem ser desconsiderados aqui, nem tanto por essa razão, mas porque de fato as pessoas freqüentemente acreditavam ter visto nessas obscuras produções, escritas às pressas, uma última continuação de Stirner, e que eles podiam ridicularizá-lo com elas. Porém, se o próprio Stirner esperava que seu adversário "fosse tão honesto a ponto de não esperar" que ele lesse mais do que uma página do *Verstandesthum*, então nós também nos contentaríamos com essa uma página.

Um resumo disso seria o esforço do autor em mostrar o que "a única verdade seria, se alguém fosse algum dia mera razão." Claramente vinculado a *Der Einzige, Das Verstandesthum und das Individuum* parece culminar com a afirmação: "O indivíduo não pensa coisas atomísticas, singulares, mas, ao contrário, encara, olha e as apanha." O *Liebesbriefe ohne Liebe* é mais propriamente uma paródia tola de *Lucinde* de Schlegel; deste podemos ficar até mesmo sem a uma página.

No ano 1846, Stirner recebeu a visita de um jovem poeta muito entusiasmado com sua obra — "no entanto, no sentido oposto, contrário." Ele veio apresentar-lhe pri-

meiro um poema que havia acabado de escrever. O jovem poeta chamava-se Alfred Meissner e sua obra era intitulada *Ziska*. A resposta de Stirner, relatada pelo próprio Meissner, é uma das poucas expressões pessoais emitidas por ele mesmo que permaneceram para nós. Mas há outra razão para repeti-las aqui.

Stirner devolveu o manuscrito com as palavras: “Você deveria ter moldado *Ziska* como um poema heróico cômico. Em uma espécie de *Batrachomyomachia!* [uma tempestade num copo d’água; muito barulho por nada. A palavra é o nome de um poema de escárnio heróico em grego, supostamente de Pigres de Caria, e significa *As Batalhas dos Sapos e do Rato*.] Os mitos da igreja cristã tornaram-se escravos do destino, como os pagãos também se tornaram. Os contrastes do papado e do protestantismo tornaram-se de tal forma algo do passado que um poema com esse conteúdo só poderia interessar, digamos, a teólogos. Não deve mais haver oposição à Igreja. Tornou-se completamente indiferente para nós: não se disputa mais batalhas ultrapassadas. Sim, eu tenho certeza: deveria ter sido um poema heróico cômico.”

Essa resposta é tão característica para ele que pode ser considerada aqui como um ponto de partida para uma última análise da influência e conseqüências de *Der Einzige und sein Eigenthum* no futuro. Por menor que seja nele e dele mesmo, o livro realmente indica a posição que Stirner assumiu em sua luta. Essa luta não era contra as formas exteriores da visão de mundo cristã, a mofada e decadente igreja do presente, mas contra esse espírito, que constrói cada vez em novas formas, novas fortalezas de poder, o espírito do cristianismo, que como uma obscura neblina estende-se no passado.

A realização de Stirner é ter despido esse espírito de sua santidade e tê-lo exposto como o insubstancial espírito da nossa imaginação. Enquanto as mentes mais radi-

cais de seu tempo — Strauss, Feuerbach, Bauer — ainda se baseavam decisivamente, mas temerosamente, nas concepções de sagrado, ele as dissolve e as deixa desintegrar.

Ele ultrapassa o cristianismo em suas derradeiras conseqüências. Ele está destruído. Ele se estende atrás de nós com sua humilhação de milhares de anos, sua depravação da irmandade, seus incontáveis horrores, com os quais mancha a história, suas mentiras, seu auto-despojamento de qualquer orgulho, cada propriedade, cada alegria e beleza genuínas; e ainda que prevaleça hoje em seus efeitos finais, Stirner, todavia, tirou isso de nós — como uma maldição!

Assim, ele permanece na fronteira entre dois mundos, e com ele começa uma nova época na vida da humanidade: a época da liberdade!

Ainda não encontramos para isso melhor nome que anarquia: a ordem determinada pelo interesse mútuo, em vez da condição prévia de ausência de ordem do poder; a exclusiva soberania do indivíduo sobre sua personalidade, em lugar de sua subjugação; a responsabilidade de si sobre suas ações em lugar de sua dependência — sua unicidade!

Sobre as bases da visão de mundo cristã repousam os pilares de todos os conceitos que sustentam o poder; como Stirner lhes retirou o chão, eles tiveram que cair, e com eles cai aquilo que defendiam.

Tão poderosa será essa reversão sem sangue de todas as relações de vida — e comparativamente tão rápido quanto certo — que esse livro imortal em suas conseqüências será um dia comparado à Bíblia.

Assim como esse livro “sagrado” figura no início do calendário cristão, para levar por dois mil anos seus desastrosos efeitos para quase todo canto do mundo

habitado, está também o livro profano do primeiro e auto-consciente egoísta no início dessa nova era, na qual vivemos os primeiros sinais, para exercer uma influência tão benéfica quando o “livro dos livros” foi pernicioso.

Se desejarmos dizer mais uma vez o que é, como poderíamos fazê-lo melhor do que com as próprias palavras do criador? São elas: “Um crime poderoso, despreocupado, desavergonhado, sem consciência e orgulhoso” — cometido contra a santidade de qualquer autoridade! E com Max Stirner perguntamos, triunfando na irrupção da tempestade purificadora e liberadora causada por ele: “Não estremece em trovões distantes, e não vê como o céu torna-se previsivelmente silencioso e sombrio?”

Notas

¹ Quinto capítulo extraído do livro *Max Stirner — his life and his work*. Traduzido da terceira edição em alemão por Hubert Kennedy. Concord, Peremptory Publications, 2005. A obra de Stirner *Der Einzige und sein Eigentum* foi traduzida por Mackay como *The unique one and his property*, mais próxima da tradução em português *O único e a sua propriedade*. No entanto, a versão em inglês, editada por David Leopold, é intitulada *The ego and its own* (Cambridge, Cambridge University Press, 1995). (NT).

² O autor utiliza o termo *bogyman*, que na literatura anglo-saxã refere-se a um monstro imaginário que assusta crianças, frequentemente escondido embaixo da cama ou dentro do armário. O uso do termo indica ainda um medo irracional diante de algo ou alguém.

³ A citação de Stirner encontrada em Wallenstein's Tod, Ato I, cena 4, de Schiller, conforme estabelecido por Steven T. Byington em *O Único e sua propriedade*, é: Eu ousou defrontar qualquer adversário o qual possa ver e medir com meus olhos, vigor inflama minha coragem vigor para a batalha. Ou, na clássica tradução de Samuel Taylor Coleridge: Eu enfrento cada combatente O qual possa ver, fixando olho no olho Que, cheio de coragem, incita coragem também em mim. (NT)

⁴ A resposta de Stirner aos seus críticos encontra-se em “Rezensenten Stirners”, In Bernd A. Laska, *Max Stirner: parrega, kritiken, repliken*. Nürnberg, LSR-Verlag, 1986, pp. 147-205. (N.E)

⁵ em inglês no original alemão (Nota de Mackay).

RESUMO

Apresentação da obra de Max Stirner O único e sua propriedade, por John Henry Mackay. 2ª parte.

Palavras-chave: Max Stirner, único, associação.

ABSTRACT

Presentation of Max Stirner's work The ego and its own, by John Henry Mackay. 2st part.

Keywords: Max Stirner, unique, association.

Indicado para publicação em 08 de novembro 2005.